

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (COMUNICAÇÃO COORDENADA)

NOME: ÉRIKA OLIVEIRA AMORIM TANNUS CHEIM

TÍTULO: MULHER E PATRIARCADO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM CARANGOLA – MG (2006-2016)

AUTORES: ÉRIKA OLIVEIRA AMORIM TANNUS CHEIM, ÉRIKA OLIVERIA AMORIM TANNUS CHEIM

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): PAPQ Edita 01/2018

PALAVRA CHAVE: GÊNERO, VIOLÊNCIA, PATRIARCADO.

RESUMO

Este texto apresenta parte dos dados da pesquisa "Mulher e Patriarcado: um estudo de caso sobre a violência contra a mulher em Carangola – MG (2006-2016)", que vem sendo realizada desde 2017, com apoio de Editais de Pesquisa da UEMG. Ela é parte do estudo desenvolvido pela autora, em sua tese de doutorado pela Universidade Federal do Espírito Santo, que objetiva analisar como o fenômeno do patriarcado ainda influi no comportamento de homens e mulheres e de que maneira o tipo de sociabilidade local influencia no silenciamento dos casos de violência. O estudo conta com o suporte de dados quantitativos, obtidos pela aplicação de 376 questionários fechados coletados em um só momento (corte-transversal), a fim de encontrar casos de violência não notificados. A inconsistência de dados efetivos sobre a violência de gênero é uma realidade ainda maior em cidades localizadas no interior do país. Mesmo com a criação de mecanismos de denúncia e da agenda de políticas públicas e programas vinculados à mulher, muitas vivem silenciadas, sob um contínuum de agressões de diversas formas. A cidade de Carangola se distingue pelo tipo de sociabilidade, já que a presença do mundo rural e a dinâmica social local faz com que a localidade tenha atributos de cidade de pequeno porte. Norbert Elias em "A sociedade dos indivíduos" ajuda a compreender as estruturas sociais da localidade estudada, pois oportuniza a reflexão de como a presença constante de outras pessoas e sua proximidade representa o controle do comportamento individual e o crescente autocontrole em todas as esferas da vida de atores sociais que representam a comunidade, tais como vizinhos, comerciantes e mesmo os próprios parentes, que convivem entre si. No caso específico da violência contra a dignidade da mulher, tais atores podem, por alguma razão, terem presenciado ou apenas terem conhecimento do processo de violência de uma mulher, uma vez que a proximidade entre as pessoas, dado o reduzido número de habitantes faz com que os indivíduos dividam os mesmos espaços de convivência e se conheçam, apesar de não serem amigos próximos. A esse cenário soma-se à situação de submissão e dominação, o espectro da vergonha e a dificuldade de tomar decisões por si ou de conceber qualquer pensamento sem a constante referência ao grupo. Após a sistematização dos dados coletados pelos questionários, utilizou-se o software R 3.5, que permitiu compreender as opiniões e as atitudes das mulheres que participaram do estudo. Buscou-se, ainda, traçar uma perspectiva geral do perfil das entrevistadas e os números apontam que aproximadamente 40% das participantes do estudo possuem idades entre 20 a 29 anos, sendo 50,41% casadas e 36,86% solteiras. Apenas 7,32% das mulheres se divorciaram. Percebeu-se, pelo exame das informações colhidas pelo survey, que o casamento é relevante para as mulheres de Carangola independentemente do atual estado civil, pois as mulheres solteiras, casadas, divorciadas, em união estável e viúvas consideram o casamento importante (73,4%) e, talvez por isso, o percentual de divorciadas é reduzido (7,32%). Supõe-se também que, pela valorização que dão ao matrimônio, sejam tolerantes com situações de violência conjugal, vivenciadas no dia a dia, já que a porcentagem de mulheres que sofreram qualquer tipo de agressão é de 69,19%, sendo que 12,06% foram agredidas fisicamente pelo companheiro. Quando se considera que a agressão partiu do companheiro ou de amigos/familiares a taxa de mulheres agredidas chega a 70,74%. Apenas 8,5% das mulheres fizeram denúncias, sendo que dessas queixas, pouco mais da metade (55,17%) foi devido à agressão física, levando-se a crer que há tolerância quanto a outros tipos de agressões, principalmente aquelas que não deixam vestígios no corpo. A vergonha da família/comunidade é o principal motivo para que as mulheres não efetivem a separação (33,33%). Tal percentual evidencia que a proximidade e a presença constante da comunidade influenciam no comportamento de homens e mulheres de Carangola. Os dados apresentados pelo estudo permitem afirmar que, no que se refere aos homens, o tipo de sociabilidade reforça o caráter da dominação masculina e ações sob a égide da violência. Para as mulheres restam a submissão e o silêncio.